



A (RE) CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE LIBRAS/L1 NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Letícia de Almeida Cordeiro; Josinete Pessoa Nunes; Niédja Maria Ferreira de Lima

PET Pedagogia- Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campus I

E-mail: analeticiaac17@gmail.com

Resumo:

No presente artigo, relatamos uma experiência de atividade extensionista desenvolvida pelo Grupo PET Pedagogia da UFCG, campus de Campina Grande, que teve como objetivos propiciar o aprofundamento da aprendizagem de aspectos teóricos e de uso da Libras em situações contextualizadas e (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras como L1. Conforme estabelece o Decreto nº 5.626 de 2005, que regulamenta a Lei da Libras (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002), a formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, viabilizando a formação bilíngue, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução. Tendo como base tais orientações, foi promovido o curso Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re)construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras, com 45h semanais, ministrado por professoras do curso Letras Libras (UAL/CH/UFCG). Para tanto, foram promovidos encontros semanais com professores de escolas específicas para surdos e inclusivas para: aprofundamento de estudos teóricos da Libras; produção de materiais pedagógicos diversificados para o ensino dessa língua, numa perspectiva bilíngue; e a vivência no contexto escolar com o material (re) construído. O curso promoveu uma interação significativa das PETianas com os profissionais participantes e a vivência lúdica do material produzido com alunos surdos em uma escola específica para surdos de Campina Grande/PB, revelando a importância de se considerar as particularidades viso-gestuais do aluno surdo.

Palavras-chave: Educação de surdos, Libras/L1, formação docente, materiais pedagógicos.

Introdução

No presente artigo, relatamos uma experiência de atividade extensionista desenvolvida pelo Grupo PET¹ Pedagogia da UFCG, campus de Campina Grande, que teve como objetivos propiciar o aprofundamento da aprendizagem de aspectos teóricos e de uso da Libras em situações contextualizadas e (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras como L1. Conforme estabelece o Decreto nº 5.626 de 2005, que regulamenta a Lei da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), a formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, viabilizando a formação bilíngue, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução. No currículo do Curso de Pedagogia da UFCG, a disciplina Libras é ofertada como obrigatória, seguindo o estabelecido no Capítulo II, do referido Decreto, que trata da inclusão da Libras como disciplina curricular, que diz: “Nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios” (BRASIL, 2005).

Tendo como base tais orientações, foi promovido o curso *Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras*, ministrado pelas professoras Conceição Saúde e Michelle Mélo do curso de Letras-Libras (UAL/CH/UFCG), durante o período de 19 de outubro a 12 de dezembro de 2017, com carga-horária de 45 horas. Contamos, também, com a colaboração de uma intérprete de Libras, pois havia uma Surda que era professora de Libras, participando do curso.

O curso contou com o apoio da Unidade Acadêmica de Educação-UAED; do curso de Letras-Libras da Unidade Acadêmica de Letras - UAL, e teve como público-alvo professores ouvintes e surdos de uma escola pública para surdos, a Escola Estadual de Audiocomunicação de Campina Grande (EDAC) e de escolas da rede municipal de Campina Grande que tinham alunos surdos incluídos e as integrantes do grupo PET Pedagogia.

O curso de extensão se propôs realizar um aprofundamento em estudos teóricos e práticos sobre a Libras, como L1, por meio de situações interativas e contextualizadas, para assim haver um aprendizado da Língua Brasileira de Sinais-Libras e para a produção de materiais pedagógicos para o ensino da mesma. Foram promovidas discussões acerca das atuais práticas pedagógicas para o ensino de Libras, numa perspectiva bilíngue. Para isso, foram

¹Programa de Educação Tutorial – PET

revisados pressupostos relacionados aos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, nos aspectos culturais e educacionais (GESSER, 2009), possibilitando um espaço para discussões de vários aspectos acerca da temática. Essas discussões subsidiaram a produção de materiais pedagógicos para o ensino de Libras destinado aos alunos surdos.

De modo mais específico os objetivos dessa atividade foram: aprofundar o aprendizado do uso da Libras, por meio de situações interativas e contextualizadas, para interação entre surdos e ouvintes, em contextos acadêmico e profissional; contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia; introduzir novas práticas pedagógicas na graduação; contribuir para a consolidação e difusão da educação tutorial como prática de formação na graduação; colaborar com a política de diversidade na instituição de ensino superior- IES por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico racial e de gênero; propiciar a aprendizagem de aspectos culturais, históricos e linguísticos e de uso da Libras; fomentar o debate acerca da Libras, como primeira língua (L1), numa perspectiva bilíngue; e (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras como L1.

Para compreendermos a importância de se produzir materiais pedagógicos para o ensino de Libras como L1, respaldando-nos numa perspectiva bilíngue, faz-se necessário entendermos seus pressupostos. Segundo Goldfeld (2001), o pressuposto do bilinguismo é que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna, ou seja, como língua natural, e a língua oficial do país como segunda língua. No contexto brasileiro, significa dizer que o surdo deve adquirir a Libras como primeira língua (L1) por ser uma língua de modalidade gestual-visual, e a língua portuguesa como segunda língua (L2), na modalidade escrita.

Desde a década de 1990 que no Brasil há pesquisas e estudos sobre o bilinguismo. Esse fato não significa que o país tenha se tornado menos monolíngue e que a Libras, apesar do reconhecimento legal advindo dos documentos anteriormente citados, tenha se tornado respeitada e reconhecida como língua fundamental para os surdos, nem que uma política linguística de forte aceitação tenha contribuído para o fortalecimento do modelo educacional bilíngue para surdos.

Nesse sentido, nossa expectativa é de que a Libras se constitua cada vez mais viva e respeitada nos espaços educacionais onde ela é objeto de estudo e de ensino, sejam estes, formais e informais, contribuindo para a formação de ambientes bilíngues e para seu fortalecimento como língua nacional.

Considerando o exposto, faz-se urgente pensar numa formação de professores que permita refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos, seja em contextos de escolas específicas para educação de surdos, quanto em escolas regulares que têm alunos surdos incluídos, ancorados na construção do conhecimento numa perspectiva bilíngue, pois acima de tudo, a escola tem como função proporcionar aos alunos a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber cientificamente elaborado (SAVIANI, 2011).

Tendo em vista a importância de apropriação da Libras pelos alunos surdos, seu uso e status como L1, o papel do professor é considerando “determinante para os processos constitutivos das crianças como sujeitos surdos” (LODI, ROSA e ALMEIDA, 2012, p. 6). Nesse contexto, outro aspecto a ser considerado é o recente reconhecimento da educação bilíngue para surdos no país, pois como afirmam Albres e Saruta (2012, p.43), [...]os professores contam com poucos materiais pedagógicos voltados para alunos surdos e que tenham como língua de registro a Libras. Assim, cabe ao professor confeccionar seu material didático.

As autoras Quadros e Schmiedt (2006, p.99) também vão destacar que

são inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor. Muitos recursos surgem no dia-a-dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para que consiga alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança, ou para que a mesma consiga acessar o conhecimento de forma plena

A partir dessas considerações, concordamos com as referidas autoras quando ressaltam que cada situação de aula exigirá um material diferente e cada profissional precisará explorar sua própria iniciativa, criatividade e habilidades para “inventar” (re) criar ou (re) construir o recurso adequado à sua realidade naquele determinado momento.

Metodologia

O curso *Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras* totalizou uma carga horária de 45 horas, sendo 30 horas presenciais e 15 horas à distância e realizou-se durante o período de 19 de outubro a 12 de dezembro de 2017. Os encontros presenciais ocorreram semanalmente nas quintas-feiras, das 14h00min horas às 17h00min horas, e eram realizados no Bloco AB da UFCG e culminaram com um dia de atividade prática na EDAC.

A turma era composta por 20 alunos de diferentes níveis de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. Existiam alunas que nunca haviam tido contato com a Libras e também alunas que já haviam cursado a disciplina de Libras na graduação do curso de Pedagogia, como também participaram de outro minicurso oferecido pelo PET Pedagogia sobre essa língua, o que possibilitou que as mesmas possuíssem um conhecimento prévio acerca da Libras. Contou também com a presença de profissionais que atuam na área do ensino com Libras, que atuavam na EDAC (professores ouvintes, coordenadora pedagógica, professora de Libras) e em turmas de AEE (Atendimento Educacional Especializado) da Prefeitura Municipal de Campina Grande, sendo um desses profissionais Surdo, o que necessitou que houvesse interpretação, enriquecendo os encontros.

O curso foi dividido em três etapas, que foram as seguintes: 01. Aulas de cunho teórico, que proporcionaram um aprofundamento de estudos de aspectos culturais, históricos e linguísticos da Libras; estudos das especificidades linguísticas dos surdos para aprendizado da Libras como L2; 02. Aulas práticas para produção de materiais didático-pedagógicos para o ensino dessa língua e aplicação em escolas que têm surdos matriculados; 03. Vivências com o material produzido nas aulas que ocorriam na UFCG e vivência prática na Escola de Audiocomunicação de Campina Grande, com os alunos surdos e professores da EDAC, uma escola específica para atender esse público.

Resultados e Discussão

Retratamos em primeiro lugar as etapas de desenvolvimento desse curso e, em seguida, apresentamos as impressões dos cursistas a partir da avaliação que foi realizada no final do curso.

- **Dos momentos propiciados no curso**

O primeiro momento do curso se dedicou ao aprofundamento dos estudos sobre o ensino da Libras, numa perspectiva bilíngue, e tinha um caráter mais teórico. As aulas, ministradas pelas professoras Conceição Saúde e Michelle Mélo do curso de Letras-Libras (UAL/CH/UFCG), eram expositivas dialogadas, nas quais foram discutidas as práticas docentes no ensino de Libras, como L1, como também o aprofundamento das noções básicas de Libras, comunicação, diferenças, proximidades e conquistas das pessoas surdas e conceitos de Surdo e Surdez.

No segundo momento, as professoras ministrantes apresentaram alguns jogos/materiais pedagógicos com o intuito de incentivar e inspirar os alunos a produzirem os seus próprios

jogos/materiais pedagógicos. Nas aulas subsequentes, foram feitas oficinas para a produção desses materiais, mas essa elaboração não se dava apenas nas aulas presenciais, os alunos produziam esses jogos em casa e traziam para a sala de aula para socializar, juntamente com uma ficha na qual continha as regras e informações sobre os jogos. Entre os jogos produzidos tivemos: twister; boliche; jogo da memória; trilha de frutas; pescaria; jogo de relacionar; roleta magnética; trilha matemática etc., ressaltando que todos esses materiais eram voltados para os alunos surdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como ilustram as figuras abaixo.



Figura 01: Jogo twister.



Figura 02: Boliche.



Figura 03: Jogo da memória.



Figura 04: Trilha de frutas.



Figura 05: Pesca.



Figura 06: Jogo de relacionar.



Figura 07: Roleta magnética.



Figura 08: Trilha matemática.

E por fim, no terceiro momento, aconteceu a vivência prática na EDAC da cidade de Campina Grande, local onde a maioria dos professores que participaram do curso atuava. As alunas PETianas juntamente com as professoras ministrantes e com o auxílio dos professores da EDAC, aplicaram os jogos produzidos com os alunos dessa instituição e essa atividade ocorreu em uma tarde. Os alunos demonstraram interesse e foram bastante participativos nas brincadeiras. Os ganhos com esse momento foram enriquecedores para todos os participantes.

- **Da avaliação o curso pelos participantes**

Ao final do curso, com o objetivo de coletar informações, sugestões e opiniões dos participantes, tendo em vista uma melhoria da qualidade dos próximos cursos, foi solicitado que respondessem um questionário de avaliação do curso. O questionário estava dividido em

03 questões gerais: 1º) Avaliação do curso quanto aos quesitos coordenação, infraestrutura e conteúdo; 2º) Autoavaliação referente à participação dos alunos no curso; 3º) Avaliação mais geral de diferentes quesitos do curso (professor-metodologia-conteúdo programático). Cada questão específica possuía as seguintes alternativas: ÓTIMO, MUITO BOM, BOM E RUIM, para que assim os cursistas pudessem conceituar as atividades do curso. Ao todo foram respondidos 14 questionários.

Em relação à primeira parte, podemos dizer que o curso foi avaliado de ÓTIMO a BOM nos aspectos contemplados, como pode ser observado no quadro 01 apresentado a seguir.

Quadro 01. Avaliação do curso quanto aos quesitos coordenação, infraestrutura e conteúdo.

		Ótimo	Muito bom	Bom	Ruim	Não respondeu
Coordenação	Nível de relacionamento com os participantes	09	02	03	00	00
	Habilidade em dar informações	08	03	03	00	00
	Presteza no atendimento ao participante	07	04	03	00	00
Infraestrutura	Organização geral do curso	06	04	04	00	00
	Condições gerais do local	02	05	07	00	00
	Qualidade dos equipamentos utilizados	03	05	06	00	00
	Eficiência do pessoal de apoio	08	02	04	00	00
Conteúdo	Adequação da estrutura programática do curso em relação ao seu objetivo	08	03	02	00	01

Quanto à segunda questão, quando solicitados a fazer uma autoavaliação referente à participação dos alunos no curso. No que diz respeito à *compreensão do assunto apresentado*,

04 alunos a consideraram como sendo ÓTIMO, 07 como MUITO BOM e 03 como BOM. Sobre a *integração com os demais participantes*, 06 cursistas responderam a opção ÓTIMO, 03 a MUITO BOM e 05 a opção BOM. Acerca do *interesse e participação na criação e participação dos jogos*, 06 discentes julgaram como ÓTIMO e 08 como MUITO BOM. Por fim, no que se refere à *frequência e pontualidade*, 05 dos 14 respondentes a tomaram como ÓTIMO, 06 como MUITO BOM e 03 como BOM. Essas respostas podem ser vistas no quadro 02.

Quadro 02. Autoavaliação referente à participação dos alunos no curso.

		Ótimo	Muito bom	Bom	Ruim	Não respondeu
Autoavaliação	Compreensão do assunto apresentado	04	07	03	00	00
	Integração com os demais participantes	06	03	05	00	00
	Interesse e participação na criação dos jogos	06	08	00	00	00
	Frequência e pontualidade	05	06	03	00	00

Por fim, foram solicitados aos cursistas que avaliassem o curso em diferentes quesitos. O primeiro deles era em relação ao professor; o segundo a metodologia; e o terceiro o conteúdo programático do curso. As respostas foram variadas, sendo as mais frequentes ÓTIMO, MUITO BOM e BOM, como pode ser visto no Quadro 03. Destacamos que no item Conteúdo Programático 02 cursistas não opinaram sobre duas questões feitas.

Quadro 03. Avaliação mais geral de diferentes quesitos do curso.

		Ótimo	Muito bom	Bom	Ruim	Não respondeu
Professor	Conhecimento e domínio do assunto	14	00	00	00	00
	Clareza de explicação	12	02	00	00	00
	Facilidade de comunicação e de relacionamento com a turma	10	04	00	00	00

	Pontualidade	07	07	00	00	00
	Capacidade de incentivar a troca de experiências e conhecimentos	09	05	00	00	00
	Atendimento e esclarecimento de dúvidas individuais	09	05	00	00	00
	Coerência entre o programa de curso e a discussão feita em sala de aula	10	03	01	00	00
Metodologia	Qualidade do material didático, recursos instrucionais e audiovisuais	07	06	01	00	00
	Dinâmicas e técnicas de trabalho utilizadas	08	05	01	00	00
	Carga horária disponível para a disciplina	06	05	03	00	00
	Uso de recursos didáticos e audiovisuais	07	03	04	00	00
Conteúdo Programático	Aplicabilidade do conteúdo no seu cotidiano	08	04	01	00	01
	Nível de satisfação do conteúdo às suas necessidades profissionais	10	02	01	00	01
	Compreensão do objetivo da disciplina	09	04	01	00	00
	Adequação do referencial teórico metodológico	07	06	01	00	00
	Adequação da estrutura da disciplina a sua ementa	08	05	01	00	00

Os questionários continham também espaços para comentários e sugestões sobre cada questão. No campo para esse fim da primeira questão, 08 cursistas não teceram comentários

nem sugestões e 06 deles se colocaram, sendo 04 afirmando a relevância que o curso teve e 02 apresentaram sugestões, sendo uma delas para que a carga horária fosse estendida e a outra para que as carteiras fossem mudadas. No espaço da segunda questão, 08 alunos também o deixaram em branco e 06 preencheram, expondo desejos particulares e a sua desenvoltura enquanto aluno. A área destinada à terceira questão contemplou um número maior de comentários e/ou sugestões, totalizando 09 respostas e 05 abstenções, demonstrando de forma geral um anseio pela continuidade do curso e como sugestão que o curso fosse ministrado a noite para a possibilidade de ampliação do público-alvo.

Conclusões

O curso *Práticas pedagógicas na educação de Surdos: criando pontes para (re) construir materiais pedagógicos para o ensino de Libras*, buscou contribuir para a formação inicial e continuada de professores, propiciando o aprofundamento da aprendizagem de aspectos teóricos e de uso da Libras em situações contextualizadas e da (re) construção de materiais pedagógicos para o ensino de Libras como L1. Assim, com a oferta desse curso, as vivências e interações entre profissionais e alunos surdos e ouvintes, acreditamos ter contribuído para uma compreensão mais coerente sobre a importância do ensino da Libras, fortalecendo o seu ensino-aprendizagem como L1 para surdos, de forma contextualizada, rica de materiais pedagógicos que valorizem o aspecto viso-espacial da língua de sinais e as singularidades dos alunos surdos.

De acordo com a avaliação dos participantes deste curso percebemos a grande importância de propostas de cursos extensionistas na formação docente. Destacamos as contribuições das professoras colaboradoras Conceição de Maria Costa Saúde e Michelle Mélo Gurjão Roldão (UAL/CH/UFCG) que contribuíram de forma enriquecedora para a materialização do curso.

Foram apresentadas sugestões, no sentido de dar continuidade ao curso, mas que fosse ministrado à noite para possibilitar a ampliação do público-alvo.

Por fim, evidenciamos que a vivência no contexto escolar da EDAC com o material produzido foi riquíssima, pois os participantes puderam entender melhor a necessidade de se trabalhar com um material de fácil produção e rico no visual respeitando, assim, a condição do surdo como um *Ser Vidente* e a Libras como língua primeira das pessoas surdas e sua condição bilíngue, em contextos escolares específicos e inclusivos.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino; SARUTA, Moryse Vanessa. *Programa curricular de língua brasileira de sinais para surdos*. São Paulo: IST, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras.

_____. Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Pará bola. Editorial, 2009. (série estratégias de ensino, 14).

GOLDFELD, M. (2001). *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista*. São Paulo: Plexus Editor

LODI, Ana Claudia Balieiro; ROSA, André Luís Matioli; ALMEIDA, Elomena Barboza de. Apropriação da Libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-alunos surdos em um contexto educacional bilíngue. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. (Disponível no Portal do MEC/SECADI/publicações/Educação Especial)

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas – SP: Autores Associados, 2011.